

Mães dão força umas para as outras

As gestantes Lélia Aguiar, Adriana Assunção e Denise de Araújo dividiram os momentos de ansiedade na mesma sala de pré-parto do Hospital Regional da Ceilândia. Naquele momento de contrações uterinas fortes, em que a mulher não sabe exatamente o que pode acontecer (perdão futebolistas pela expressão emprestada, mas “cada parto é um parto”), as três torciam uma pela outra, usando palavras de encorajamento.

Quando uma se desesperava, a outra pedia calma. Denise, a mais tranqüila de todas, segurava a mão de Lélia e Adriana, alternadamente. Ela aguardava, sem nenhuma dilatação do colo do útero, pela cesariana que seria realizada às 14h.

Adriana estava nervosa porque a dilatação total, de 10 centímetros, necessária para a passagem da cabeça do bebê, não chegava. Ela ouviu alguma enfermeira dizer que, se demorasse mais tempo, teria de fazer uma cesariana.

A bolsa havia estourado às 22h e Adriana chegou ao hospital às 7h30 da manhã. Já eram quase 11h e nada.

Sentia medo de *entrar na faca* (se submeter a uma cesariana). “Ai, meu Deus. Ajuda! Pra que essa gente foi dizer que eu posso ter de fazer uma cesária?”, angustiava-se.

ORAÇÕES

Lélia, mais calada, gemia baixinho e quando a contração apertava, desmanchava o cabelo castanho, comprido, que estava amarrado no alto da cabeça. No pescoço, mantinha apenas um colar com uma cruz de plástico.

Se a dor aliviava, Lélia e Adriana prestavam atenção na conversa de Denise, a mais controlada de todas.

“Se a capacidade desse hospital estivesse à altura dos funcionários que tem, seria excelente”, opina Denise, que saiu de Taguatinga para ganhar o terceiro filho na Ceilândia.

Segundo ela, não há porque reclamar dos colchões que são colocados no chão para receber mães que acabaram de dar à luz.

“Os funcionários não têm culpa de não haver espaço para tanta gente. Colocam o colchão no chão para nos ajudar”, completa a vendedora. “Concordo com você em gênero, número e grau”, acrescenta Adriana, em um momento de menor tensão.

SEM MEDO

Às 11h25, a obstetra Lúcia Speranta veio avaliá-las. Como Lélia tinha sete centímetros de dilatação, a médica resolveu fazer com que o

bebê nascesse mais rápido. Induziu o aumento das contrações uterinas, ajudando a romper a bolsa.

Como no hospital não havia o *rompedor de bolsa* (espécie de pinça com um ganchinho na ponta), ela teve de usar uma agulha descartável que encaixou com cuidado entre dois dedos. “Relaxa. Não tenha medo que não vai doer”, avisou a Lélia. Logo em seguida, o líquido amniótico, que envolvia o bebê, começou a descer.

Adriana recebeu o filho nos braços às 12h30. O parto foi normal e rápido. Ela ainda estava sendo atendida pelos médicos, quando, Lélia entrou na mesma sala para dar à luz a segunda menina de sua vida.

Por ter pressão alta, Lélia foi tratada com atenção redobrada pela médica e pelas enfermeiras. Estava nervosa e não se posicionava direito na mesa de parto. “Não fecha a perna assim que você vai machucar o bebê. Você não está me ajudando”, orientava a obstetra.

Depois de alguns minutos nasceu o bebê. Eram 50 centímetros e 3,3 quilos de muito choro. Toda cor-de-rosa, a menina, que até quinta-feira pela manhã não tinha nome, foi para o colo da mãe. “Valeu o sacrifício”, garantiu Lélia, sorrindo. (F.L.)